

Experiências que grafitam o corpo e o viver - Entrevista com Josemar Blures

Sílvio Roberto dos Santos Oliveira¹ , Josemar Blures de Souza Dias²

¹ Universidade do Estado da Bahia - Brasil. ² FATEC/BA & FUNDAC/BA – Brasil.

*Autor de correspondência: outrasliteraturas@yahoo.com.br

SUBMETIDO: 28 de abril de 2023 | **ACEITO:** 28 de abril de 2023 | **PUBLICADO:** 30 de abril de 2023
© ODEERE 2022. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Prezado artista, Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade e Fisioterapeuta Josemar Blures de Souza Dias, desde já agradecemos a sua disposição em dialogar conosco.



1 Entrevistador: Quem é Josemar Blures? E quem seria Pinho Blures, outra faceta?

Por vezes já refleti sobre isso, e certamente já me questioneei sobre essa dualidade de "ser", e nesse processo gosto de registrar que meu nome de batismo por muito tempo não foi signo de minha identificação social e cultural. Carrego na memória a palavra carinhosa de Pinho, feita por minha mãe para me identificar, não teria nome melhor.

Certamente essa imagem dupla, pode ser descrita como: Pinho Blures/artista visual, e por Josemar Blures/fisioterapeuta. Em diferentes lugares e contextos, uma dessas imagens e oralidades se sobressaiu mais que a outra, enquanto subterfúgio para fazer parte de grupos e para acessar espaços, nos últimos anos compreendi que estas identidades supostamente antagônicas, são na verdade interdependentes.

Ser fisioterapeuta tem uma função identitária na minha vida na mesma medida em que necessito ser artista. Carrego na memória a alegria de minha mãe (dona Marlene), ao me conduzir na celebração de formatura, assim como se

orgulhou, quando fiz minha primeira exposição individual no exterior, ela contava este feito com muita emoção sempre que podia.

Por vezes, esses lugares são questionados, colocados em dúvida ou minorizados. Já tentaram me conduzir a uma escolha, não consegui, não quis e não me submeti a ordem social, cultural e política. Há pessoas e contextos que agem com desprezo por eu ser artista e outras por eu ser fisioterapeuta. Por isso, hoje me apresento como sendo: isso, tudo! Josemar Blures de Souza Dias, reconhecido como Pinho Blures, artista visual, fisioterapeuta, professor, pai, amigo...

2 Entrevistador: O corpo é um território em movimento. De todo modo, os territórios geográficos, e por isso também os corpos, continuam a ser delimitados, cerceados, ao menos nas realidades das sociedades ocidentais contemporâneas, educadas pelo colonialismo e reeducadas pelo que se entende por neoliberalismo. A sua obra aparentemente proporciona uma meditação sobre os movimentos dos corpos e suas fronteiras invisíveis. Gostaríamos que comentasse um pouco sobre essas certezas e incertezas.

Já tem um tempo que venho compreendendo de forma mais específicas fatos e associações sociais e culturais que vivi. E para este aspecto há algumas construções que preciso dizer.

Eu nasci no bairro do Alto do Coqueirinho, região de periferia, nos fundos do boêmio bairro de Itapuã, na cidade de Salvador, Bahia - BR, nasci em 1987, sou o sexto filho de sete no total, meu pai era pedreiro e natural da cidade de Queimadas, minha mãe era costureira e natural da cidade de Alagoinhas. Cresci na periferia com o "kit social" que dispunha na época, e esse território exigia de mim, um viver específico. E o desfecho disso foi aos 12 anos (completos no ano de 1999), ter vivenciado múltiplas violências e violações, que, dentre tantas, algumas me marcam significativamente: meu pai que exercia agressões físicas e ameaças de morte a minha mãe. Com isso, ela precisou fugir para casa de minha avó, em Alagoinhas, estando debilitada e com meu irmão casula ainda bem pequeno; tempos depois, o assassinato de meu pai por arma de fogo na porta de casa e em minha presença, fato ocasionado por discussão entre vizinhos, motivo fútil;

completar 13 anos estando na 3ª série do ensino fundamental sem saber ler/escrever e nem ter vontade de ir à escola.

No ano 2000, fiquei sob a guarda de minha mãe ao me mudar para Alagoinhas e ela me levou novamente a escola, e esse acolhimento mudou tudo que veio depois. Senti como, se houvesse encontrado um novo caminho, e nele a possibilidade de construir outras experiências. Com ela, aprendi a cozinhar e a costurar, chorei por vezes, assim como sonhei com um futuro melhor para nós. Minha mãe dotada de sabedoria popular, conseguiu depositar em mim, esperança e responsabilidade na nova vida que tivemos, vida difícil, mas foi melhor! Encontrei a imagem e afeição do meu padrasto, que me ensinou o sabor da luta e do trabalho, vigilante e cantor de seresta nas noites de finais de semana, me ensinou o exercício de olhar, narrar e encantar as pessoas/público, Marcos foi esse exemplo de homem incrível. O convívio com meus três irmãos foi mais profícuo, familiar eu diria.

Já adolescente, descobri na rua, nas periferias do interior, espaços de diversão e construção cultural como basquete de rua, tribo de skate, cultura punk, grupos de dança, movimentos sociais e movimento negro, foram experiências que me fizeram amadurecer. Alagoinhas passava por um movimento social efervescente, e encontrei no Movimento Hip Hop (2004) amigos com a mesma vontade de fazer revolução através das artes. O Graffiti Arte veio nesse momento, e a oportunidade de ser porta-voz de atos (auto)formativos, tudo ao mesmo tempo, como aprender/fazendo.

Essas duas experiências marcam meu corpo e o meu viver, territórios identitários que me constituem. Hoje não me causam dor, nem angústia, e como artista ressignifiquei esse sentimento em cores e formas. Meus primeiros trabalhos e experimentações (2004-2009) traziam a representação de casos que não eram só meus, mas, sim, similares com tantos outros jovens de periferia. Ali entendi que com a arte eu poderia ser porta-voz de linguagens, discursos e diálogos, poderia crescer.

Com o tempo, passei a ampliar o conceito e o processo criativo que utilizava, abri o meu "eu artista" para encontrar outras histórias para pintar/produzir e, em paralelo, a continuidade de meus estudos. Primeiro veio a graduação em Fisioterapia (2008 - 2012), por conquistar (bolsa integral) pelo Programa

Universidade para Todos - ProUni, do Governo Federal, implantado no primeiro mandato do então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Em 2012 cursei a especialidade em Metodologia do Ensino Superior, numa instituição particular. Nesse mesmo ano conheci Rogério Alves, um mestrando que escrevia sobre Pichação e Graffiti em Alagoinhas, e meu trabalho acabou sendo base para sua dissertação. Através dele, tive conhecimento do Mestrado de Desenho, e ali cresceu meu interesse em fazer parte do programa. Acreditei que conseguiria e fui buscar.

Entre 2013 a 2015, cursei o Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade - PPGDCI da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Ganhei um orientador e amigo, Dr. Antônio Wilson, que me conduziu na experiência dissertativa um estudo que acabou por dialogar aspectos da Arte na Formação de Fisioterapeutas. Tive professores excelentes, amigos que tenho até hoje, morei no bairro universitário ao lado da Universidade, e passava todos os dias lá, de evento em evento, na biblioteca, nas atividades culturais. Uma experiência intensa e que me ajudou a crescer em vários aspectos. Minha atividade com o Graffiti se ampliou, foram muitos os eventos, congressos e participações que fiz enquanto artista.

Em 2015, defendi a dissertação e tive o trabalho aprovado, com honra, dada a relevância do estudo em teorizar e produzir um estudo pautado no reconhecimento e criação de metodologia complementar que trazia o exercício gráfico do Desenho para o ensino e aprendizagem de uma das disciplinas formativas no curso de bacharelado em fisioterapia. No mesmo período realizei minha primeira exposição Individual no exterior, na Galería Medía Luna, espaço expográfico da Escuela Nacional de Antropología y Historia - ENAH, tendo como Curador o antropólogo e artista urbano Dr. Marco Tulio Pedrosa Amarilla, durante as atividades do Congresso Transdisciplinário Estéticas de la Calle, na Cidade do México - ME. E repeti o mesmo feito no ano de 2017. Desta vez, além da exposição, me tornei membro da comissão organizadora e pude colaborar em mais frentes de trabalho naquele ano, aumentando minha relação com a universidade e o Programa de Doutorado que promovia o evento. Para fechar o ano de 2015,

recebi o convite para ser professor de Anatomia Humana do curso Bacharelado em Fisioterapia da Faculdade Santo Antônio, em Alagoinhas.

Acredito que meu corpo e meu trabalho são plurais, e o fazer deste percurso fez toda diferença, eu havia nascido de um modo, mas estava determinado a morrer de outro, pois eu iria conquistar tudo aquilo que me foi negado. Quando compreendi que minha história e imagem não são as habituais de um artista, que os materiais que uso, o modo como falo, me expresso, os temas que pinto, não eram e não são práticas que me dão o status de artista, eu precisei burlar essa teoria, construir caminhos, tive muita ajuda e sei que tudo isso foi coletivo e por esse mesmo motivo, minha responsabilidade é imensa, a todo instante. Hoje, março de 2023, eu finalmente consigo entrar como aluno especial do programa de Pós Graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia - PPGAV / EBA / UFBA. Para muitos grupos, isso é insignificante, mas, de onde eu venho, é um marco! e será ainda maior com tudo que eu ainda falarei, escreverei e pintarei. Seguimos!



Mural de Josemar Blures em parede da UNEB II – Alagoinhas (Apagado em 2022)

3 Entrevistador: A sua arte adota forma bastante específica de expressão. No geral, no senso comum ao menos, há uma convicção de que a Terra é redonda

ou geode, mas o artista Pinho Blures adota as formas retangulares ou quadradas ou similares na sua interpretação de mundo. Isto está longe de significar que você veja um planeta plano, lógico, como certo viés medieval redivivo atualmente. Como você traduziria a gênese de sua expressão?

Essa resposta mudou muito com o tempo, a medida em que fui estudando, produzindo e pesquisando, mas vale ressaltar que já nomeei os personagens de cabeça quadrada, já o nomearam baseado em personagens de jogos como Bomberman e Minecraft e até do desenho animado Historietas assombradas. Em particular, mas sem excluir nenhuma forma de leitura feita sobre as imagens que construí, tenho olhado sua forma pelo prisma da geometria, mas enquanto elemento da natureza, dentro das formas e padronagens inerentes aos biomas e ao próprio corpo humano, a partir de 2016 meu trabalho mudou por completo, abandonei temas, formas, discursos e passei a tentar elaborar e a ressignificar o que fazia e sentia artisticamente. Foi o início de uma crise, artística, identitária e de sexualidade. Passei a pensar e a produzir pela dinâmica de poéticas do espaço, fragmento teórico levantado por Gaston Bachelard, que muito me agradou, e me conduziu a repensar os quadrados, cantos, contornos e dimensões que desenhava como sendo representação dinâmica sensível e invisível, das formas concretas do cotidiano e suas relações. Hoje sei que ali se iniciou o trabalho que carrego hoje sobre corpos dissidentes e performatividades. Muitas dessas histórias já foram traduzidas por artistas brancos, instituições comandadas por eles, assim como de sua assinatura em trabalhos de gente preta, a ideia agora é blindar nosso trabalho e dirigir nossas ações e entregas ocupando os espaços de poder que nos são de direito.

Meus últimos Desenhos e estudos permeiam a formação labiríntica para representar espaço, forma, experiência e representação do corpo e de seu viver. Chamando atenção para aspectos identitários, de gênero e sexualidade, tendo meu próprio corpo e histórias enquanto ponto de partida, sendo eu homem cis gênero bissexual, localizando outros corpos/corpas/descorpas enquanto partícipes desta narrativa.

Com isso tenho experimentado, cotidianamente e frequentemente, cenas, falas, sentimentos e objetos para narrar e registrar essas transmutações que tanto

gosto de fazer e a mais desafiadora até o momento é a fotografia e as edições de imagem que venho descobrindo. É evidente que, quão mais abstrato, psicológico, poético e estético, mais distante minha vida e obra fica do grande público, fora das ruas e de espaços públicos. Contudo, minha obra não os abandona, ela carrega consigo e comigo uma essência que não se esvaiu, ela se transforma e transborda, seu discurso e configuração visual não permite que sejam forjados temas outros para ofuscar sua composição. Não seremos mais tema para gente branca contar!

As vezes sinto que me falta tempo e dedicação para pintar tudo que sinto e acredito, assim como me falta oportunidade para levar esse trabalho para os cantos do mundo. A arte contemporânea brasileira é uma invenção burguesa, rodeada de nacionalismo, é uma bolha das mais estruturadas, moldadas em egoísmo, preconceito, apropriação indevida das mais diversas tramas. O frescor é que atualmente todos os nossos ataques surtiram em certa medida algum efeito. Hoje, 19 anos depois, desde quando eu segurei meu primeiro spray, o que eu faço tem outra função e ocupa outro espaço artístico e social; então, de certa forma, não puderam negar/apagar a minha existência, autonomia intelectual e obra.

4 Entrevistador: Historicamente, a recepção das linguagens denominadas marginais ou periféricas (denominações que já fazer emergir reflexões) pelas universidades não são realizadas sem tensão, o que revela personalidades institucionais bipolares. Em Alagoinhas, como sabe, em duas ocasiões, grafites elaborados, obras artísticas autorizadas formalmente, em madeirites ou mesmo paredes, foram rasurados, literalmente apagados. O que isso pode significar aos olhos do artista? Esse apagamento refletiria uma espécie de genocídio cultural?

Não sei se genocídio cultural seria a descrição coesa para as práticas de apropriação realizadas pela Universidade. Num ato de genocídio temos um inimigo declarado, e um exercício de conflito desigual, além do apoio e silenciamento de uma plateia partidária, que assiste e ignora as práticas desumanas e autoritárias. Para o caso de apagamento dos graffitis no Campus II da Universidade Estadual da Bahia, em Alagoinhas, eu diria que estes atos podem ser melhor nomeados enquanto: **Traição Cultural.**

Se por um lado a Universidade ocupa a condição de mediadora do conhecimento, se suas ações teóricas / práticas e de desenvolvimento de diferentes territórios, similarizam mobilização social, inclusão educativa, espaço formativo, dentre outros. *Apagar deliberadamente todos os painéis do campus foi um ato de Traição Cultural. Porque vai em direção oposta ao papel desta instituição assim como da relação que tivemos, ao ver os painéis em branco, pois me senti enganado, traído.*

A UNEB de Alagoinhas, como costumamos dizer, não me alcançou enquanto estudante, mas como "objeto de estudo", sim. Enquanto crescia, minha história foi apropriada em tema de trabalho de conclusão de curso, dissertação, artigos, feiras, seminários, sarau's, congressos. Nesse sentido, sobre meu trabalho e o de tantos outros, eu pergunto: onde está a arte nos espaços da Universidade? Qual diálogo a Instituição tem comigo e demais atores culturais da cidade e de nosso território? E a pergunta mais importante: como iremos reconstruir relações respeitadas, de desenvolvimento, produção e respeito na UNEB de Alagoinhas? Estarei aqui para mais uma conversa!

5 Entrevistador: Corpo, desenho, grafite, voz. Esses signos são fundamentais para pensar a sua arte e a sua vivência como artista, inclusive a sua experiência com o movimento hip hop de Alagoinhas. Obviamente isto importa também ao estudioso fisioterapeuta. Nessa sua experiência, coube pensar ou reelaborar figurativamente a morte do corpo negro? Aproveita e apresenta-nos suas motivações ao publicar seu livro: as motivações de **Desenho e Fisioterapia** seriam apenas "técnicas"?

Eu tive o privilégio de fazer parte do Movimento Hip Hop, e enxergar como ele ocupou periferias por todo o Brasil. Um levante cultural como esse não acontece todos os dias, não na forma que ocorreu, com toda potência e mobilização. Posso trazer muitos exemplos de atividades culturais e sociais que aprendi, me formei e ensinei, por cada escola que fomos levar performances, em cada pracinha de bairro que nos apresentamos, por cada fala, cada adolescente resgatado do crime, na mesma medida com aqueles que foram estudar, trabalhar, viver... O Rapper Emicida diz assim em uma de suas canções: "só água na geladeira e eu

querendo salvar o mundo"; e segue complementando: "ouvindo MalconX sem coragem de lavar uma louça". São aspectos da fala e da vivência de quem viveu esse momento, num processo de autoformação para formar um segundo, terceiro, quantos fossem precisos. São dualidades postas à análise, a vivência e a evolução por assim dizer. Uma parte desta história em Alagoinhas está na obra **Bahia com H de Hip Hop** (2014), do meu amigo, rapper, escritor e Dr. Jorge Hilton de Assis.

Mesmo estando em Alagoinhas, cidade interiorana do litoral norte e agreste baiano, em dada proporção, enfrentamos mazelas de cidades metropolitanas, sendo o crime, a polícia e a violência, parte do nosso cotidiano. Meus amigos da Banda Sangue Real foram ameaçados de morte, perseguidos e hostilizados por policiais, após lançarem uma canção com narrativas de denúncia sobre excessos e extermínio da juventude negra por parte da política desastrosa de segurança pública.

Em uma de minhas facetas, fui integrante da banda de Rap Artilharia Verbal, junto com o tão famoso e respeitado Rapper MC Mamah. Eu já dizia "nas áreas tá foda e essas coisas me incomodam, extermínio da juventude, mano, por causa da droga, é maconha, pó e craque, fora os covardes, os fraldinhas nem se fala, esses matam a vontade...", onde fraldinhas, aqui, era um signo para mencionar a polícia. A canção ainda dizia em seu refrão: "é bala na cabeça é arma na cintura, esse é o cotidiano, a realidade é dura e crua, e pra quem desacreditar, essa é a Lei da rua, mano se cê vacilar pá pá pra sepultura". Como bem mencionada no Livro "Devir Negro: por democracia e cidadania cultural no Brasil, 2016", organizado por dois professores da UNEB - Alagoinhas.

Meu amigo e Rapper Adriel, da banda Sangue Real, já menciona que ainda vivemos um conflito urbano, e que embora tenha havido o declínio das posses Hip Hop, a modificação das músicas de Rap, o afastamento de tratar de temas sociais, o confronto ainda é real, e continua a encarcerar, matar e aprisionar muitos jovens, que, em quase sua totalidade, são negros, de baixa renda e evadidos da escola.

A violência sempre esteve muito próxima de mim. De início com meu irmão mais velho envolvido com o crime quando morávamos ainda em Salvador. E quando já em Alagoinhas, meu segundo irmão mais velho também esteve envolvido com atos ilícitos, chegando a ser preso. Eu tive minhas duas referências vinculadas ao crime, ao tráfico, e eu tinha decidido não me envolver, eu desejava

outra forma de vida, e de viver, e por essa razão os caminhos de minha formação tem tanto valor para mim e, à época, para minha mãe, que via, em mim, uma conduta

Eu sempre quis escrever minha pesquisa dissertativa em formato de livro, mas, criterioso como sou, busquei atuar enquanto professor e fazer uso da metodologia complementar baseada no exercício gráfico do Desenho para a aprendizagem do corpo humano. Busquei escrever sobre isso, comunicar esses resultados em eventos, registrar parte desta prática que rompeu os limites do texto, mesmo após concluído. O plano do livro estava guardado, e somente no ano passado publiquei a primeira parte, que trata especificamente das concepções de pesquisa. Mas deixo uma mensagem de avanço, ao narrar e contextualizar a relação interdisciplinar possível, ao tratar de anatomia humana, de carreiras até então distantes das áreas de artes e linguagens.

Gosto da sensação de transgressão, seja ela teórica, prática ou performática, desde que não venha a ferir ninguém. Mas de certo modo, o livro lança mão para confrontar técnicas e separatismos epistêmicos disseminados nos cursos da área da saúde. Assim como cresce as áreas de artes e linguagens o reconhecimento de que mesmo o objeto estando aparentemente distante do artista, de sua galeria, de seu conceito, há um contraponto que permite essa relação artística e científica.

6 Entrevistador: A memória ancestral atravessa nossos corpos. Essa memória, enquanto resistência à tortura e às chacinas de nosso imaginário, diria estar presente em suas obras? É uma suspeita dos admiradores de sua arte. Concorda com esse viés de percepção?

Estão sim, em minha obra, em minha forma de ver e viver o mundo. Dentre os campos epistemológicos que estudei, a memória foi a que mais me fascinou, sobretudo a das relações inerentes à memória visual e memória social.

Rapidamente estabeleci relações de minha origem familiar, que se esgotam em meus avós maternos, já que os meus avós paternos faleceram quando meu pai ainda era pequeno. Tenho notícias de uma árvore genealógica indígena por parte da minha mãe, mas sem muitas informações, de qual região eram e a qual aldeia pertenciam. Meu estereótipo tem muita similaridade a esta raiz ancestral, mas eu

não sei de onde vieram, mas sei que esse apagamento étnico e historiográfico de muitas famílias brasileiras foi e é estrutural, colonial e patriarcal, para diminuir nossa importância e existência social.

Nesse mesmo campo performático eu tento retratar imagens relacionadas a estas histórias, relatos orais e de subjetividades. Sei que a Imagem tem função de registro, é material científico, artístico e etnográfico, e quanto mais informações eu conseguir reunir, produzir e circular, maiores são as chances de produzir uma teoria da existência.

Gosto de contrapor entre esse material visual a características oníricas, fabulosas e imaginárias. Afinal, a operacionalidade de nossa subjetividade não se constrói somente com fatos e signos, mas com os símbolos e sentimento, é uma essência que a arte me permite exercitar com liberdade orgânica e simbiótica. Uma narrativa que não se ancora na tragédia, mas na afetividade, e deste laço ancestral consegue mobilizar, agregar, fraternizar o que temos em comum, de bom e de poder.

E isso não é a negação da realidade, minha trajetória de vida e de arte já me fizeram muitas cicatrizes, porém ao ver a construção de uma imagem como a de minha filha, uma menina negra de cabelos ondulados, cheia de sonhos e de esperança, há em mim uma combustão singular e que me move para (re)produzir esse sorriso em mais dimensões, para mais meninas de nove anos de idade, que vêm ao seu redor uma arte similar, possível e importante.

É o que descrevo enquanto corpos dissidentes e de performatividades, a chance de instrumentalizar o olhar e a oralidade com as nossas representações, em se tratando de corpo, cultura, identidades e territórios.

7 Entrevistador: Há uma questão que ninguém elabora e você sempre pensa em responder? Fique à vontade.

Eu apenas gostaria de registrar minha emoção ao estabelecer está troca, com vocês e com os leitores que virão. Dizer que estamos vivos, que o nosso trabalho importa, e que ele tem uma dimensão maior do a que aparenta ter, e que sigamos dignos, vivos e contentes pela construção e partilha que traçamos a

cada momento. Rememorar aqui o que me motiva a ser quem sou tem um sabor especial, territorial e identitário, e em certa medida muito influenciado pelo meu querido amigo e exemplo Dr. Sílvio Oliveira. Minha vida e obra tem muito de sua presença, intelectualidade e vivacidade. Obrigado por dividir essa história comigo.